

A Tentação de Criar no Traduzir: uma tradução comentada de *Remembering Needleman*, de Woody Allen

The Temptation of Creating in Translation: an annotated translation of *Remembering Needleman*, by Woody Allen

Fabíola Löwenthal¹

Abstract: This article aims to assess the variety of choices that arise in the act of translation and its implications. It also intends to discuss the position of the translator and the search for fidelity to the original text. To this purpose, we present some theoretical concepts about the fine line between reproduction and creating in the art of translation. From the translation and subsequent comparison with a translation by Ruy Castro of a chronical by Woody Allen, *Remembering Needleman*, this study analyzes the differences of choices and their adaptations, and it evaluates the aspect of preserving the author's style. The analysis often finds a tendency to give in to the temptation of excessive creating over the work of others, by the translator who is also a renowned writer.

Keywords: Translation; style; fidelity.

¹ Tradutora e Professora Universitária. E-mail: flowenthal@uol.com.br

Resumo: Este artigo visa verificar a variedade de escolhas que surgem no ato tradutório e suas implicações. Pretende também discutir o posicionamento do tradutor diante da busca da fidelidade ao texto de partida. Para tanto, são apresentados conceitos de alguns teóricos a respeito do estreito limite entre reprodução e criação na arte da tradução. A partir da tradução e posterior comparação com a feita por Ruy Castro de uma crônica de Woody Allen, *Remembering Needleman*, são analisadas as diferenças de escolha e suas adequações, e avaliado o aspecto da manutenção do estilo do autor. A análise recai muitas vezes na tendência de ceder à tentação de criar demasiadamente em cima da obra alheia, por parte do tradutor que também é reconhecido escritor.

Palavras-Chave: Tradução; estilo; fidelidade.

Introdução

Através da tradução de uma crônica de Woody Allen, *Remembering Needleman*, e posterior cotejamento com a tradução de Ruy Castro, publicada na coletânea *Que Loucura*, da Editora L&PM, pôde-se observar as várias opções de escolha existentes no ato tradutório e analisá-las quanto à conveniência de seus usos.

Optou-se como critério principal da tradução ater-se o máximo possível ao texto original, evitando quaisquer intervenções desnecessárias. Mas o que pode ser definido como fidelidade em uma tradução?

A questão da fidelidade na atividade tradutória é ponto fundamental em debates no âmbito das Teorias da Tradução. Constantes redefinições do conceito fazem com que ocorram as mais divergentes opiniões. Arrojo (1987) afirma que a questão da fidelidade ao texto de origem está ligada primordialmente ao tradutor ser fiel à sua própria interpretação. Dessa forma, formam-se novos significados na tradução, advindos de fatores ideológicos, padrões estéticos, éticos e morais, das circunstâncias históricas e da psicologia constituídas na comunidade sociocultural em que se interpreta esse texto. O tradutor deve buscar então, ser fiel a sua leitura e interpretação do texto de partida, de acordo com suas concepções contextualizadas. Laranjeira

(1993), por sua vez, diz que o sujeito da tradução opera o trabalho do traduzir gerando um texto seu, trabalho esse que é feito a partir da leitura de um texto que não é seu, “uma expedição às profundezas do texto alheio a fim de roubar-lhe a centelha viva do fogo sagrado: a significância” (LARANJEIRA 1993:124). Assim, segundo o teórico, a tradução leva as marcas do sujeito tradutor. “É, pois, mera ilusão pretender-se fazer uma tradução que não pareça tradução, se com isso se entende uma tradução que não tenha as suas próprias marcas”. (LARANJEIRA 1993: 124)

Há ainda quem julgue a fidelidade de um tradutor pela medida de sua ausência da tradução. Na busca da invisibilidade do tradutor, Kundera (1995) define a tradução como a arte da fidelidade. Para ele, traduções são como o reflexo do espelho, quanto maior a semelhança da imagem, melhor. Diz ainda que a suprema fidelidade deve ser o estilo pessoal do autor. Porém, como tantos outros que acumulam as funções de autores de livros, tradutores e teóricos, Kundera localiza-se numa posição que esbarra em anseios diversos: criar para depois ver suas obras recriadas em traduções, traduzir sem cair na sedução de libertar sua criatividade viva, natural de um escritor. Conflitos os quais grandes escritores/tradutores já versaram, como Jose Luis Borges, que, devido a sua vasta experiência como tradutor, ficciona sobre tal tarefa. Borges fala da presença metalinguística do tradutor em uma narrativa em seu conto *Pierre Menard, Autor de Quixote* (BORGES 2007), no qual coloca o tradutor como um escritor, Menard, que na tentativa de traduzir seguindo à risca os princípios de uma boa tradução percebe que o resultado final é, na verdade, sua própria leitura da obra. Ao tentar “reproduzir” a totalidade do texto de Cervantes, ele descobre a impossibilidade de sua tarefa, pois as palavras não conseguem delimitar ou petrificar seu significado original, independentemente de um contexto ou uma interpretação. Ao mesmo tempo, quando Menard se torna “autor” de Quixote, seus leitores também interpretam seu texto sob diferentes pontos de vista. O significado de um texto se delinea a cada ótica observada, a cada leitura. Que ao passar do tempo, inacreditavelmente retorna ao texto original. Borges transcreve, de forma metafórica, conceitos teóricos da tradução presentes na obra de

Benjamin (2001) como o mito babélico, a imagem da alteridade e o fluxo melancólico, colocando-os presentes na atividade conflituosa do tradutor personagem.

Benjamin (2001) preocupa-se com a eterna melancolia do tradutor, sentimento inerente ao ato tradutório, e um importante ponto de partida para esta análise é o Mito de Babel. Em *A tarefa do tradutor*, ao refletir sobre tal tarefa, Benjamin fala da narrativa bíblica no Gênesis, a torre que buscava alcançar o céu, construída por uma humanidade unida, numa época em que o mundo todo falava a mesma língua, e, que teve seu projeto paralizado por Deus pelo fato de o homem querer equiparar-se a Ele. O Criador então lhes confundiu assim as línguas. Usado como alegoria, o Mito de Babel tenta explicar a origem das muitas línguas faladas no mundo, e, segundo Benjamin (2001), mostra uma relevância ainda mais profunda da tradução em sua essência: o ato tradutório remete a uma exigência correspondida: a rememoração de Deus.

Steiner (2005) retoma este tema, e em *Depois de Babel*, identifica a melancolia como efeito histórico da impossibilidade vivida pelo tradutor de fazer com que seu texto corresponda plenamente ao texto original. De onde pode ainda surgir outro mito bíblico, o de cair na tentação, no caso, o pecado maior seria criar excessivamente sobre o original alheio.

Diante de suas próprias reflexões, o tradutor vê-se como protagonista de uma arte sumamente difícil, que permite que grandes criações transponham todos os limites geográficos, linguísticos e temporais.

Renomado tradutor, José Paulo Paes, reflete que criticar uma tradução não basta, é preciso apresentar uma alternativa (LARANJEIRA 1993). E é isso que ocorrerá em seguida.

1. O Autor

Nasceu em Nova Iorque, EUA, a 1 de dezembro de 1935. Depois de ser expulso da Universidade de Nova York e do City College, Woody Allen iniciou

sua carreira escrevendo humor profissionalmente, para a televisão e para shows de *stand-up*. Em 1964, decidiu tornar-se ele próprio um comediante. Começou a escrever para o cinema, tornando-se roteirista e posteriormente cineasta, escrevendo, dirigindo e atuando em seus próprios filmes. Ao longo do tempo, desenvolveu uma extensa e premiada filmografia. A maioria de seus filmes fala sobre neuroses comportamentais do dia a dia, sempre com uma análise mordaz e sutil. A crítica à sociedade, às instituições e às religiões, e ao modo de vida neurótico, principalmente nas metrópoles, está presente em toda a sua obra. Possui mais de oito livros publicados.

Sua única mágoa na vida é a de que não é outra pessoa.

2. O Tradutor

Ruy Castro nasceu em Caratinga, Minas Gerais, em 1948. É jornalista, tradutor e escritor. Reconhecido pela produção de biografias e reportagens extensas que vieram a se desenvolver na qualidade de livro-reportagem. Também escreve em colunas de jornais, sendo seu texto sempre caracterizado pela crítica e pelo humor.

3. A Obra

O texto é pautado de um tom formal, já que os fatos narrados ocorrem na maioria das vezes no meio acadêmico, porém, é também permeado em sua totalidade por humor e ironia. Da mesma forma, o inusitado surge com cenas em clima *nonsense* e citações inesperadas. A cultura norte-americana está presente o tempo todo, com palavras e expressões características.

Como a maioria dos textos de Woody Allen, a história segue o curso de um pseudodocumentário, no qual é relembra a figura de Needleman, inesquecível intelectual, e cuja narração é feita por um amigo saudoso. A relação dos fatos citados com a realidade histórica traz um tom de veracidade

ao enredo, contrastando o tempo todo com os absurdos das situações e da personalidade excêntrica do protagonista.

4. O Original

Remembering Needleman

IT HAS BEEN four weeks and it is still hard for me to believe Sandor Needleman is dead. I was present at the cremation and at his son's request, brought the marshmallows, but few of us could think of anything but our pain.

Needleman was constantly obsessing over his funeral plans and once told me, "I much prefer cremation to burial in the earth, and both to a weekend with Mrs. Needleman." In the end, he chose to have himself cremated and donated his ashes to the University of Heidelberg, which scattered them to the four winds and got a deposit on the urn.

I can still see him with his crumpled suit and grey sweater. Preoccupied with weighty matters, he frequently would forget to remove the coat hanger from his jacket while he wore it. I reminded him of it one time at a Princeton Commencement and he smiled calmly and said,

"Good, let those who have taken Issue with my theories think at least that I have broad shoulders." Two days later he was committed to Bellevue for doing a sudden back somersault in the midst of a conversation with Stravinsky.

Needleman was not an easily understood man. His reticence was mistaken for coldness, but he was capable of great compassion, and after witnessing a particularly horrible mine disaster once, he could not finish a second helping of waffles. His silence, too, put people off, but he felt speech was a flawed method of communication and he preferred to hold even his most intimate conversations with signal flags.

When he was dismissed from the faculty of Columbia University for his controversy with the then head of the school, Dwight Eisenhower, he waited

for the renowned ex-general with a carpet beater and pelted him until Eisenhower ran for cover into a toy store. (The two men had a bitter public disagreement over whether the class bell signaled the end of a period or the beginning of another.)

Needleman had always hoped to die a quiet death. "Amidst my books and papers like my brother Johann." (Needleman's brother had suffocated under a rolltop desk while searching for his rhyming dictionary.)

Who would have thought that while Needleman would be watching the demolition of a building on his lunch hour, he would be tapped in the head by a wrecking ball? The blow caused massive shock and Needleman expired with a broad smile. His last, enigmatic words were, "No thanks, I already own a penguin."

As always, at the time of Needleman's death he was at work on several things. He was creating an Ethics, based on his theory that "good and just behavior is not only more moral but could be done by phone." Also, he was halfway through a new study of semantics, proving (as he so violently insisted) that sentence structure is innate but that whining is acquired. Finally, yet another book on the Holocaust. This one with cutouts. Needleman had always been obsessed by the problem of evil and argued quite eloquently that true evil was only possible if its perpetrator was named Blackie or Pete. His own flirtation with National Socialism caused a scandal in academic circles, though despite everything from gymnastics to dance lessons, he could not master the goose step.

Nazism was for him merely a reaction against academic philosophy, a position he always attempted to impress on friends and then would grab at their faces with feigned excitement and say, "Aha! Got your nose." It is easy to criticize his position on Hitler at first, but one must take into account his own philosophical writings. He had rejected contemporary ontology and insisted that man existed prior to infinity though not with too many options. He differentiated between existence and Existence, and knew one was preferable, but could never remember which. Human freedom for Needleman

consisted of being aware of the absurdity of life. "God is silent," he was fond of saying, "now if we can only get Man to shut up."

Authentic Being, reasoned Needleman, could only be achieved on weekends and even then it required the borrowing of a car. Man, according to Needleman, was not a "thing" apart from nature, but was involved "in nature," and could not observe his own existence without first pretending to be indifferent and then running around to the opposite end of the room quickly in the hopes of glimpsing himself.

His term for the life process was *Angst Zeit*, loosely meaning Anxiety-Time and suggested man was a creature doomed to exist in "time" even though that was not where the action was. After much reflection, Needleman's intellectual integrity convinced him that he didn't exist, his friends didn't exist, and the only thing that was real was his IOU to the bank for six million marks. Hence, he was charmed by the National Socialist's philosophy of power, or as Needleman put it, "I have the kind of eyes that are set off by a brown shirt." After it became apparent that National Socialism was just the type of menace that Needleman stood against, he fled Berlin. Disguised as a bush and moving sideways only, three quick paces at a time, he crossed the border without being noticed.

Everywhere in Europe Needleman went, students and intellectuals were eager to help him, awed by his reputation. On the run, he found time to publish *Time, Essence, and Reality: A Systematic Reevaluation of Nothingness* and his delightful lighter treatise, *The Best Places to Eat While in Hiding*. Chaim Weizmann and Martin Buber took up a collection and obtained signed petitions to permit Needleman to emigrate to the United States, but at the time the hotel of his choice was full. With German soldiers minutes from his hideout in Prague, Needleman decided to come to America after all, but a scene occurred at the airport when he was overweight with his luggage. Albert Einstein, who was on that same flight, explained to him that if he would just remove the shoe trees from his shoes he could take everything. The two frequently corresponded after that. Einstein once wrote him, "Your

work and my work are very similar although I'm still not exactly sure what your work is."

Once in America, Needleman was rarely out of public controversy. He published his famous, *Non-Existence: What To Do If It Suddenly Strikes You*. Also the classic work on linguistic philosophy, *Semantic Modes of Non-Essential Functioning*, which was made into the hit movie, *They Flew By Night*.

Typically, he was asked to resign from Harvard because of his affiliation with the Communist party. He felt only in a system with no economic inequality could there be real freedom and cited as the model society an ant farm. He could observe ants for hours and used to muse wistfully, "They're truly harmonious. If only their women were prettier they'd have it made." Interestingly, when Needleman was called by the House Un-American Activities Committee, he named names and justified it to his friends by citing his philosophy: "Political actions have no moral consequences but exist outside of the realm of true Being." For once the academic community stood chastened and it was not until weeks later that the faculty at Princeton decided to tar and feather Needleman. Needleman, incidentally, used this same reasoning to justify his concept of free love, but neither of two young coeds would buy it and the sixteen-year-old blew the whistle on him.

Needleman was passionate about the halting of nuclear testing and flew to Los Alamos, where he and several students refused to remove themselves from the site of a scheduled atomic detonation. As minutes ticked off and it became apparent the test would proceed as planned, Needleman was heard to mutter, "Uh-oh," and made a run for it. What the newspapers did not print was that he had not eaten all day.

It is easy to remember the public Needleman. Brilliant, committed, the author of *Styles of Modes*. But it is the private Needleman I will always fondly recall, the Sandor Needleman who was never without some favorite hat. Indeed, he was cremated with a hat on. A first, I believe. Or the Needleman who loved Walt Disney movies so passionately and who, despite lucid

explanations of animation by Max Planck, could not be dissuaded from putting in a person-to-person call to Minnie Mouse.

When Needleman was staying at my house as a guest, I knew he liked a particular brand of tuna fish. I stocked the guest kitchen with it. He was too shy to admit his fondness for it to me, but once, thinking he was alone, opened every can and mused, "You are all my children."

At the opera in Milan with my daughter and me, Needleman leaned out of his box and fell into the orchestra pit. Too proud to admit it was a mistake, he attended the opera every night for a month and repeated it each time. Soon he developed a mild brain concussion. I pointed out that he could stop falling as his point had been made. He said, "No. A few more times. It's really not so bad."

I remember Needleman's seventieth birthday. His wife bought him pajamas. Needleman was obviously disappointed as he had hinted for a new Mercedes. Still, it is the mark of the man that he retired to the study and had his tantrum privately. He reentered the party smiling and wore the pajamas to the opening night of two short plays by Arabel.

5. Tradução da autora deste artigo

Recordando Needleman

Faz quatro semanas e ainda é difícil de acreditar que Sandor Needleman está morto. Eu estive em sua cremação e a pedido de seu filho, levei os marshmallows, mas nenhum de nós poderia pensar em outra coisa além de nossa dor.

Needleman fazia obsessiva e constantemente planos para o seu funeral e certa vez confessou-me: "Prefiro muito mais ser cremado a ser enterrado, e qualquer um dos dois a um fim-de-semana com a Sra. Needleman". Finalmente, decidiu ser cremado e doou suas cinzas à Universidade de

Heidelberg, que as espalhou aos quatro ventos e ainda recebeu contribuições depositadas em sua urna.

Eu ainda posso vê-lo com seu terno amarrotado e suéter cinzento. Preocupado com assuntos importantes, ele frequentemente esquecia-se de tirar o cabide do paletó, enquanto o usava. Certa vez, em uma cerimônia em Princeton, chamei sua atenção para o fato, a que ele sorrindo calmamente, respondeu: “É bom, deixe que aqueles que discordam de minhas teorias pelo menos pensem que eu tenho ombros largos.” Dois dias depois, estava hospitalizado em Belevue por tentar repentinamente um salto mortal de costas no meio de uma conversa com Stravinsky.

Needleman não era um homem muito fácil de entender. Sua reticência era confundida com frieza, mas tratava-se de uma pessoa capaz de grandes paixões. Certa vez, depois de testemunhar um horrível acidente em uma mina, não conseguiu terminar seu segundo pacote de biscoitos de baunilha. Seu silêncio excessivo, muitas vezes, afastava as pessoas. Ele, porém, considerava a fala um método defeituoso de comunicação, preferindo assim, realizar suas conversas, até mesmo as mais íntimas, através de bandeiras de sinalização.

Quando foi demitido do corpo docente da Universidade de Columbia por sua controvérsia com o então diretor, Dwight Eisenhower, Needleman esperou pelo renomado ex-general com um batedor de tapetes em punho e quando surgiu a oportunidade, o atacou, batendo nele até que Eisenhower conseguisse esconder-se a salvo em uma loja de brinquedos. (Os dois tiveram um grave desentendimento público sobre se o sinal da escola marcava o fim de uma aula ou o começo de outra).

Needelman sempre desejou uma morte tranquila. “Entre meus papéis e livros, como meu irmão Johann”. (Seu irmão havia morrido sufocado sob o tampo de sua escrivaninha, enquanto procurava um dicionário de rimas).

Quem imaginaria que enquanto Needleman assistia a demolição de um edifício em sua hora de almoço, seria acertado em cheio na cabeça por uma daquelas bolas de chumbo? O golpe foi fatal e Needleman expirou com um

largo sorriso na face. Suas últimas e enigmáticas palavras foram: “Não, obrigado, eu já tenho meu próprio pinguim”.

Como sempre, à época de sua morte, Needleman também estava empenhado em importantes projetos. Um deles era a criação de uma nova Ética, baseada em sua teoria de que “o comportamento bom e justo além de ser mais moral também pode ser praticado por telefone”. Deixou também inacabado um novo estudo semântico, provando (como ele tão violentamente insistia) que a estrutura das sentenças é inata, porém os gemidos são adquiridos. E, finalmente, mais um livro sobre o Holocausto. Desta vez sem cortes. Needleman sempre fora obcecado pelo problema do mal e argumentava muito eloquentemente que o verdadeiro mal só era possível se fosse cometido por alguém chamado Blackie ou Pete. Seu próprio flerte com o Nacional Socialismo causou escândalo nos círculos acadêmicos, porém, o que eles ignoravam era que, apesar de todo seu esforço, de ginásticas a aulas de dança, nunca conseguiu dominar o passo de ganso.

O nazismo para ele era meramente uma reação contra a filosofia acadêmica. Opinião esta, que sempre tentava inculcar em seus amigos enquanto apertava suas faces, dizendo com fingida empolgação: “Aha! Te peguei!”. À primeira vista parece fácil criticar seu posicionamento em relação a Hitler, porém é preciso levar em consideração seus próprios escritos filosóficos. Havia rejeitado a ontologia contemporânea e insistia que a existência humana era anterior ao infinito, porém, antes havia poucas opções. Ele diferenciava existência de Existência, e sabia que uma era preferível à outra, embora nunca conseguisse se lembrar de qual. A liberdade humana para Needleman consistia em ter consciência do absurdo da vida. “Deus é silêncio”, ele gostava de dizer, “agora só falta conseguirmos fazer o Homem calar a boca!”.

A Existência Autêntica, afirmava Needleman, só poderia ser alcançada nos fins-de-semana, mesmo que tivesse que pedir um carro emprestado. O Homem, de acordo com Needleman, não era uma “coisa” fora da natureza, mas sim algo “in natura”, e somente poderia observar sua própria existência se a princípio fingir-se de indiferente a ela, e em seguida corresse

rapidamente para o outro lado da sala, com esperanças de surpreender-se a si mesmo.

Sua definição para o processo existencial era *Angst Zeit*, o que pode ser traduzido como “Tempo da Chatice”, e sugeria que o homem era uma criatura condenada a existir no “tempo”, ainda que não acontecesse nada lá. Depois de muita reflexão, a integridade intelectual de Needleman o convenceu de que ele não existia, seus amigos também não existiam e de que a única coisa real era uma promissória que assinou no banco no valor de seis milhões de marcos. Daí em diante, sentiu-se atraído pela filosofia do poder do Nacional Socialismo, ou como Needleman argumentava: “Eu tenho o tipo de olhos que combinam com aquela camisa marrom”. Mais tarde, quando se tornou claro que o Nazismo poderia ameaçá-lo, Needleman fugiu de Berlim. Disfarçado de arbusto e movendo-se de lado, dando três passos rápidos de cada vez, ele atravessou a fronteira sem ser percebido.

Na Europa, por todos os países por onde passou, encontrava estudantes e intelectuais ávidos por ajudá-lo, fascinados por sua reputação. No exílio, ele encontrou tempo para publicar “Tempo, Essência e Realidade: um sistema de reavaliação do nada” e seu delicioso e encantador tratado: “Os Melhores Lugares para Comer Enquanto Fugimos”. Chain Weizmann e Martin Buber coletaram fundos e obtiveram assinaturas para um abaixo-assinado pedindo que os EUA permitissem a emigração de Needleman - infelizmente naquele momento seu hotel preferido estava lotado. Porém, com os soldados alemães a minutos de seu esconderijo em Praga, Needleman decidiu, afinal, ir para a América. Mas houve um incidente no Aeroporto por problemas com o excesso de peso de sua bagagem. Albert Einstein, que estava no mesmo voo, tentou convencer-lhe que retirasse as calçadeiras de dentro de seus sapatos, talvez pudesse levar todo o resto sem problemas. Os dois trocaram frequentes correspondências desde então. Einstein escreveu-lhe certa vez: “Observei que sua obra e a minha têm muitas similaridades, embora eu não faça a menor ideia sobre o que trata a sua”.

Uma vez na América, Needleman era sempre o centro de controvérsias públicas. Publicou o famoso: Não-Existência: O que fazer se ela de repente te

pegar. E ainda, a clássica obra de linguística filosófica: “Modos Semânticos das Funções Não essenciais”, que, adaptado para o cinema, transformou-se no sucesso de bilheterias: “Aprontando por Aí”.

Como era esperado, Needleman pediu demissão de Harvard, por causa de sua filiação ao Partido Comunista. Tinha a certeza de que somente em um sistema sem desigualdade econômica poderia encontrar-se a liberdade verdadeira e citava como modelo ideal de sociedade uma colônia de formigas. Ele poderia observá-las por horas, e às vezes, refletia melancólico: “Eles são verdadeiramente harmônicos. Se pelo menos suas mulheres fossem mais bonitas, eles estariam feitos!”. Curiosamente, quando Needleman foi chamado pelo Comitê de Investigação de Atividades Não Americanas, deu nome aos bois, delatando todo mundo. Justificou-se para seus amigos citando sua própria filosofia: “Ações políticas não tem consequências morais, porque só podem ser encontradas fora do campo da Existência.” Em princípio a comunidade acadêmica acatou seu argumento, e refletiu sobre ele por duas semanas, para que depois, o corpo docente de Princeton decidisse dar-lhe humilhante surra em público. A propósito, Needleman utilizou desse mesmo argumento para justificar seu conceito de amor livre, mas nenhuma das duas jovens estudantes deixou-se convencer, sendo que a de dezesseis anos chamou a polícia.

Needleman estava envolvido ativamente em protestos contra os testes nucleares e viajou para Los Alamos, onde ele e vários estudantes recusavam-se a sair da área em que estava marcada uma explosão nuclear em poucos minutos. À medida que os minutos passavam e tornava-se claro que o teste ocorreria conforme o planejado, ouviram Needleman murmurar: “Oh-oh!” e em seguida foi visto correndo dali. O que os jornais não publicaram foi que ele não havia comido nada o dia todo.

É fácil recordarmos de Needleman, o homem público. O brilhante e engajado autor de Moda e Estilo. Mas é do Needleman reservado, que poucos amigos conheceram, que eu sempre e carinhosamente recordarei. O Sandor Needleman que nunca estava sem um de seus chapéus favoritos. De fato, foi cremado usando um. A primeira vez que isso acontece, creio eu. Ou o

Needleman que amava os filmes de Walt Disney tão apaixonadamente, que nem as mais lúcidas e extensas explicações de Max Planck a respeito de animação o pudera dissuadir a tentar uma conversa íntima com Minnie Mouse, por telefone.

Quando Needleman esteve hospedado em minha casa, resolvi estocar minha cozinha com certa marca de atum em lata, a qual sabia que ele tinha uma predileção particular. Sua timidez o impediu de admitir sua gratidão pela minha atitude, mas certa vez, julgando-se sozinho, abriu todas as latas e sussurrando dizia: “Vocês são todos meus, crianças!”

Em certa ocasião, eu e minha filha o levamos à Ópera de Milão. Needleman debruçou-se no balcão de seu camarote e caiu no poço da orquestra. Orgulhoso demais para admitir que tivesse sido um acidente, voltou à ópera e por um mês repetia sua queda todas as noites. Em breve, desenvolveu uma leve concussão cerebral. Eu chamei-lhe a atenção de que ele poderia parar de cair, pois todos já haviam percebido que não fora um acidente. Mas ele disse enérgico: “Não! Só mais algumas vezes. Não é tão ruim assim”.

Lembro-me do 70º aniversário de Needleman. Sua esposa comprou-lhe um pijama. Needleman ficou claramente desapontado, já que esperava ganhar um Mercedes novo. Sendo assim, retirou-se para o estúdio e na sua privacidade teve um ataque de raiva. Depois, retornou à festa, sorrindo e usando o pijama, com o qual também foi vestido, na estreia de duas pequenas peças de Arabel.

6. Cotejamento e Comentários a Respeito das Traduções de Fabíola Löwenthal (FL) E Ruy Castro (RC)

- a) *“Remembering Needleman”*
- *“Recordando Needleman”* (FL)

- “Meu tipo inesquecível” (RC)

Por considerar o texto um pseudorrelato, relembrando em especial uma pessoa e fatos passados ocorridos com ela, optamos por manter o tom memorial do texto no título.

- b) *“Both to a weekend with Mrs. Needleman”.*

- “Um dos dois a um fim-de-semana com a Sra. Needleman”. (FL)
- “Um dos dois a um fim-de-semana com minha mulher.” (RC).

Em traduções para a Língua Portuguesa no Brasil, o pronome de tratamento (Sr. ou Sra.) geralmente é retirado, pois culturalmente não é muito usado. No caso deste texto que é todo marcado por um formalismo inusitado, optamos por manter o pronome de tratamento, omitido pelo tradutor, justamente para reforçar o clima formal, e afastar a intimidade da personagem com sua esposa.

- c) *“Which scattered them to the four winds and got a deposit on the urn.”*

- “Que as espalhou aos quatro ventos e ainda recebeu contribuições depositadas em sua urna.” (FL)
- “Espalhou-as aos quatro ventos e sorteou a urna numa rifa”. (RC)

A ideia original a ser mantida é que a Universidade além de ter recebido como doação as cinzas (e as espalhado), também obteve algum lucro com isso. Tentamos manter a ideia original, porém a inclusão de um novo elemento, como fez o tradutor (a rifa), parece dar mais humor e verossimilidade às ações incoerentes, marca inerente ao texto.

- d) *“Preoccupied with weighty matters, he frequently would forget”*

- “Preocupado com questões importantes, frequentemente esquecia...” (FL)
- “Constantemente preocupado com seu peso, costumava esquecer...” (RC)

A situação relata uma pessoa extremamente distraída, que ocupa tanto seus pensamentos com assuntos importantes, que se esquece das coisas cotidianas, característica dos “gênios”, tal como o protagonista é descrito.

e) *“Good, let those who have taken issue with my theories think at least that I have broad shoulders”.*

- “É bom, deixe que aqueles que discordam de minhas teorias pelo menos pensem que eu tenho ombros largos”. (FL)
- “Tudo bem. Assim, aqueles que discordam de minhas teorias não tentarão montar em minhas costas.” (RC)

Seguindo o critério inicial de tentar manter a maior proximidade possível ao texto original, a ideia de que você pode manter seus inimigos afastados se tiver ombros largos parece-nos mais lógica que a opção do tradutor.

f) *“Who would have thought that while Needleman would be watching the demolition of a building on his lunch hour, he would be tapped in the head by a wrecking ball?”*

- “Quem imaginaria que enquanto Needleman assistia a demolição de um edifício em sua hora de almoço, seria acertado em cheio na cabeça por uma daquelas bolas de chumbo?” (FL)
- “Quem imaginaria que Needleman morreria ao assistir à demolição de um edifício, quando uma daquelas bolas de chumbo suspensas por um guindaste acertou-o em cheio na cabeça?” (RC)

Há dois pontos a serem analisados neste trecho. No texto original são usadas duas palavras praticamente sinônimas: *demolition* e *wrecking*. Porém, em português, não há como traduzir a frase literalmente sem repetir o termo demolição, a não ser usando “destruição”, o que não caberia muito bem aqui neste caso. A saída dada pelo tradutor, ao inserir a palavra chumbo nos pareceu a melhor opção, a qual também foi usada pela autora deste artigo. Outro ponto foi a omissão por parte do tradutor da expressão *on his lunch hour*, o que, a nosso ver, era parte essencial do trecho, pois caracterizava mais uma das manias estranhas do personagem.

g) *“No thanks, I already own a penguin.”*

- “Não, obrigado, eu já tenho meu pinguim”. (FL)
- “Não, obrigado, não estou precisando de pinguins.” (RC)

Optamos por ater-nos o máximo possível ao texto original, apesar das duas traduções manterem o sentido original.

h) *“Good and just behavior is not only more moral but could be done by phone.”*

- “O comportamento bom e justo além de ser mais moral também pode ser praticado por telefone”. (FL)
- “Os bons costumes são não apenas mais morais, como podem ser praticados por telefone.” (RC)

O tradutor conceituou o “comportamento bom e justo” como “bons costumes”, porém mantém o sentido original. O primeiro termo soa mais filosófico, mantendo-se o tom do texto.

i) *“That the sentence structure is innate but that whining is acquired.”*

- “Que a estrutura das sentenças é inata, porém os gemidos são adquiridos.” (FL)
- “Que a estrutura da frase é inata, mas que o fanho é adquirido.” (RC)

A expressão *whining* traz muitas traduções como, relinchar, choramingar, ganir, proferir quimeras, lamentar-se, lamuriar-se. Tentamos aproximar-nos da ideia de emitir algum som lamurioso, resmungar. Porém não achamos nenhuma relação com a palavra “fanho”, que, a nosso ver, nem se trata de um ato voluntário.

j) *“Finally, yet another book on the Holocaust. This one with cutouts.”*

- “E, finalmente, mais um livro sobre o Holocausto. Desta vez sem cortes.” (FL)
- “Finalmente mais um livro sobre o Apocalipse, só que com detalhadas descrições das ferraduras dos cavalos usados pelos quatro cavaleiros do próprio.” (RC)

Aqui o tradutor extrapola, pois, além de introduzir informações totalmente alheias ao original, também descaracteriza o tema do trecho descrito. Needleman é de origem judaica, assim como o próprio autor, Woody Allen, sendo essa referência, o Holocausto, claramente importante ao texto (apesar de parecer mais uma piada de mau gosto).

k) *“True evil was only possible if its perpetrator was named Blackie or Pete.”*

- “O verdadeiro mal só era possível se fosse cometido por alguém chamado Blackie ou Pete.” (FL)

- “Costumava sustentar que o verdadeiro mal só poderia ser praticado por pessoas usando polainas ou galochas.” (RC)

Mais uma vez o tradutor cria em cima do texto alheio, inserindo ideias próprias. Optamos por manter os nomes próprios, que, ao que nos parece, foram usados aleatoriamente. Porém, a palavra *blackie* possui uma conotação ofensiva quando usada para pessoas negras. Existe a hipótese de o autor tê-la usado para caracterizar o aspecto contraditoriamente racista do personagem.

l) *“And then would grab at their faces with feigned excitement and say, “Aha! Got your nose!””*

- “Enquanto apertava suas faces, dizendo com fingida empolgação: “Aha! Te peguei!”.” (FL)

- “Enquanto agarrava-lhes as bochechas com fingido entusiasmo, exclamando: “Ah! Apanhei-te cavaquinho!”.” (RC)

Título de um chorinho composto por Ernesto Nazareth em 1915, “Apanhei-te cavaquinho!”, tornou-se uma expressão que designa ser pego em flagrante, porém quase em desuso atualmente. Já a expressão *“I got your nose”* vem de uma brincadeira familiar tradicional norte-americana, quando um adulto aperta o nariz de uma criança e puxa de volta, com a ponta do polegar entre os dedos indicador e médio, simulando um nariz e diz: “eu peguei seu nariz!”. Creio que o intuito do autor, ao usar essa expressão era demonstrar certa infantilidade *nonsense* do personagem. A expressão utilizada pelo tradutor, apesar de ter um tom jocoso, está mais ligada a pessoas adultas. Ao optar por “te peguei!”, tentamos buscar um meio termo, entre a surpresa e a informalidade.

m) *“Could only be achieved on weekends and even then it required the borrowing of a car.”*

- “Só poderia ser alcançada nos fins-de-semana, ainda que tivesse que pedir um carro emprestado.” (FL)

- “Só era possível nos fins-de-semana, e mesmo assim, se tivesse carro.” (RC)

A tradução aproxima-se do original, porém a frase é simplificada, mantendo o sentido, mas perdendo certa graça.

n) *“Man, according to Needleman, was not a “thing” apart from nature, but was involved “in nature”.*”

- “O Homem, de acordo com Needleman, não era uma “coisa” fora da natureza, mas sim algo “in natura”.” (FL)
- “O homem não era uma “coisa” fora da natureza, mas estava envolvido “na natureza”.” (RC)

Aqui, optamos por manter o trocadilho do texto original, deixando a expressão na sua forma latina, “in natura”, significando algo puro.

o) *“His term for the life process was Angst Zeit, loosely meaning Anxiety-Time.”*

- “Sua definição para o processo existencial era Angst Zeit, o que pode ser traduzido como “Tempo da Chatice”.” (FL)
- “Sua definição do processo existencial era Angst Zeit, o que pode ser traduzido livremente por “saqueira total”.” (RC)

A expressão *Angst Zeit* faz referência a *Zeit-geist*, conjunto de hábitos, preferências e características estéticas de um período ou geração. Na tradução, além do sentido exato, perde-se também a sonoridade relacionada com *Anxiety-Time*. Talvez por isso a opção do tradutor por uma gíria, que, a nosso ver, sai totalmente do clima ironicamente formal do texto. Porém, no tocante ao sentido e o humor, não deixa de ser uma boa saída. Nossa opção, de certa forma, também percorre esse caminho, mas um pouco menos informal.

p) *“The only thing that was real was his IOU to the bank for six million marks.”*

- “A única coisa real era uma promissória que assinou no banco no valor de seis milhões de marcos.” (FL)
- “A única coisa real era um papagaio que ele tinha feito no banco no valor de seis milhões de marcos.” (RC)

IOU é uma sigla que significa *I owe you*, que pode querer dizer vale ou promissória. “Papagaio” com esse sentido é um termo em desuso atualmente.

q) *“Explained to him that if he would just remove the shoe trees form his shoes he could take everything.”*

- “Tentou convencer-lhe que se retirasse as calçadeiras de dentro de seus sapatos, talvez pudesse levar todo o resto sem problemas.” (FL)
- “Convenceu-o de que, se ele deixasse para trás suas preciosas bigornas, poderia transportar todo o resto”. (RC)

Neste trecho surge uma expressão intraduzível: *shoe trees*. Trata-se de um dispositivo que se aproxima do formato de um pé, que é colocado dentro do sapato para preservar a sua forma, prolongando assim sua vida útil. A definição existe, porém não há palavra similar em português. Optamos por algo parecido, uma calçadeira. O tradutor, porém, exagerou novamente, saindo totalmente do contexto original, transformando o objeto em bigornas, indo muito além das sutilezas do humor *nonsense* que caracteriza a obra.

r) *“Which was made into the hit movie, They Flew by Night.”*

- “Que adaptado para o cinema, transformou-se no sucesso de bilheteria: Aprontando por Aí.” (FL)
- “Foi adaptado para o cinema e transformou-se num campeão de bilheteria, sob o título de Perigos de Nyoka”. (RC)

A expressão *Fly by Night* é usada geralmente relacionada com algo sem compromisso, ou efêmero. Usada talvez para mostrar a contradição entre um tratado de filosofia e algo descompromissado, e ainda transformar-se em um filme de sucesso. Optamos por traduzir por uma expressão que refletisse esse significado em português. Por outro lado, a opção do tradutor, a nosso ver, foi muito infeliz, pois, além de não ter nenhuma relação com o original, trata-se de um título de um seriado de cinema dos anos 40, ou seja, algo que inclusive existia fora da ficção, e que não possui nenhuma relação com a expressão original.

s) *“He named names”*

- “Deu nome aos bois, delatando todo mundo.” (FL)
- “Dedou todo mundo.” (RC)

Quando o autor escolhe dizer *named names*, essa repetição sonora parece ser proposital, por isso tentamos utilizar uma expressão, para dar certo

movimento a frase. O tradutor também utiliza uma expressão, porém excessivamente informal.

t) *“Later that the faculty at Princeton decided to tar and feather Needleman.”*

- “Para que depois, o corpo docente de Princeton decidisse dar-lhe uma humilhante surra em público.” (FL)

- “Antes que o corpo docente de Princeton lhe desse uma sova.” (RC).

A expressão *tar and feather* representa uma forma de castigo ou punição física e moral que remonta à Europa Feudal, fazendo parte também da história das colônias Inglesas. A utilização de “alcatrão e penas”, jogados sobre a pessoa humilhada, é uma imagem quase que folclórica da Cultura Inglesa / Norte-americana. Não há palavra ou expressão equivalente em português, no entanto acrescentamos “humilhante” e “em público” para aproximar mais à imagem desta punição.

u) *“Brilliant, committed, the author of Styles of Modes.”*

- “O brilhante e engajado autor de Moda e Estilo”. (FL)

- “O brilhante e sincero autor de Fenomenologia dos Dodôs”. (RC)

Havia uma ironia do autor ao dizer que Needleman era brilhante e engajado e, ao mesmo tempo, citar um tratado de moda, ou estilo de vida, como sua grande obra, algo que supostamente trazia ideias fúteis. Porém, o tradutor entendeu de outra forma, e tirou, sabe-se de onde, este título de livro. Aqui, como em outras vezes, observa-se que RC tenta enfatizar o lado cômico e *nonsense* da obra a qualquer custo, fazendo com que isso também o distancie demasiadamente do texto original.

v) *“To the opening night of two short plays by Arabel.”*

- “Na estreia de duas pequenas peças de Arabel.” (FL)

- “Compareceu à estreia de uma peça de Eugene O´Neill.” (RC)

O tradutor modificou o nome do autor das peças, colocando o nome de um notório dramaturgo norte-americano. Optamos por traduzir literalmente, pois talvez tenha sido intencional o uso de um nome não conhecido.

Considerações Finais

Após as comparações de traduções, é possível observar o quanto é difícil não cair na tentação de criar sobre a obra original ou impô-la nosso próprio estilo. O tradutor comete falhas muitas vezes pela avidez de recriar a forma e o conteúdo perfeitos, e por isso mesmo, acaba afastando-se do original.

Ruy Castro, em sua tradução de Woody Allen, por várias vezes impõem seu estilo e contextualiza exageradamente. Porém, dessa forma, consegue aproximar o texto norte-americano a um humor mais brasileiro. Mas isso é uma questão de escolha.

Segundo Mounin (1975), o tradutor pode simbolizar o real lugar onde línguas diferentes se tocam, e é nesse momento de contato que perpassa entre o texto original e sua tradução uma corrente de significados muito próprios e que fazem parte de toda uma visão de mundo. A cada opção tradutória, um momento peculiar, no qual ocorrem interferências particulares decorrentes do comportamento linguístico de cada tradutor, estruturas de comunicação que este recebe de seu meio e que são essencialmente responsáveis pela maneira com que organiza sua concepção de mundo.

Dessa forma, observa-se que há três pontos que se destacam na questão do posicionamento do tradutor diante da obra a ser trabalhada e suas escolhas. Um seria a interferência natural do contexto histórico-social do tradutor, no momento de seu trabalho, o que determina muitas de suas escolhas. O segundo é a própria postura ideológica diante de um texto considerado original, se deve ou não ser "reescrito", considerar a dita fidelidade como uma regra ou uma imposição? E o terceiro ponto é a vocação natural de criar na escrita, seja em um texto inédito e próprio, ou sobre uma obra alheia e acabada.

Quanto a este último, Steiner (2005) define a arte do tradutor como sendo preponderantemente ambivalente, estando no centro de tensões contrárias entre a necessidade de reproduzir e a necessidade de criar. Esta

tensão, aliada à busca da perfeição, acarreta o sentimento de melancolia inerente à arte de traduzir, como diz Benjamin (2001).

A eterna superação deste sentimento é o que move o trabalho do tradutor, e ao analisar, cotejar e identificar as diversas escolhas, em traduções variadas, verifica-se que é uma boa postura ficar sempre muito atento e próximo ao texto de origem, ainda que sejam necessárias algumas mudanças estilísticas e gramaticais, bem como interpretações semânticas. O objetivo final da tradução deve ser o de reproduzir na língua de chegada o modo de narrar privilegiado pelo autor na língua original, apresentando-o assim o mais verdadeiramente ao leitor.

Referências bibliográficas

- ALLEN, Woody. *Side Effects*. Ballantine Books. 1989.
- ALLEN, Woody. *Que Loucura*. Trad. Ruy Castro. Porto Alegre: L& PM, 1981.
- ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1997.
- BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*. Trad. Suzana Kampff Lages. Florianópolis: UFSC. Núcleo de Tradução, 2001.
- BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.
- CAMPOS, Rosalind Mobaid. Caminho(s) para o cotejamento e avaliação das traduções literárias in: *Revista integração*. São Paulo: Centro de Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu, 1995.
- LARANJEIRA, Mario. *Poética da Tradução*. São Paulo: Edusp, 1993.
- MOUNIN, Georges. *Os Problemas Teóricos da Tradução*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975.
- KUNDERA, Milan. A Sentence in: *Testaments Betrayed*. Cap. 4. Harper Perennial, 1995.
- STEINER, George. *Depois de Babel*. Curitiba: UFPR, 2005.